

Modos de Autoapresentação no X: Uso de Símbolos e Descrições para Identificação e Sociabilidade em Bolhas Digitais¹

Emilly Bombieri Bueno²

João Pedro Zatta Grolli³

Samara Vitória Baldoino⁴

Marlon Santa Maria Dias⁵

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó

RESUMO

Este trabalho reflete sobre as formas de autoapresentação nas mídias sociais, a partir de exemplos em perfis de usuários da plataforma X (antigo Twitter). Observamos como esses usuários utilizam símbolos, emojis, biografias e outros artifícios para definir sua posição como parte de uma comunidade de pertencimento. A pesquisa é exploratória. Os exemplos são lidos à luz dos conceitos advindos do Interacionismo Simbólico. Conclui-se que, em ambientes digitais, os atores sociais encontram nos símbolos uma forma de identificação, que facilita o encontro e a sociabilidade e demarca posições acerca de comportamentos e ideologias.

PALAVRAS-CHAVE: mídias sociais; interacionismo simbólico; comunidades.

INTRODUÇÃO

As mídias sociais desempenham um papel cada vez mais relevante dentro do contexto em que vivemos. De acordo com pesquisas desenvolvidas pelo We Are Social e publicadas no Special Report Digital 2025⁶, o X está na décima posição das plataformas digitais mais utilizadas pelos brasileiros, com uma estimativa de 16 milhões de usuários. As inúmeras ações desempenhadas pelos atores sociais destacam a importância de pensar as mídias sociais como espaços de sociabilidade, interação e conversação, com a formação de comunidades de pertencimento e de elaboração de identidades (Boyd, 2011; Recuero, 2014; Miller et al., 2019).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó-SC, e-mail: emilly.bueno@unochapeco.edu.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó-SC, e-mail: joao.grolli@unochapeco.edu.br

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó-SC, e-mail: samyvitória@unochapeco.edu.br

⁵ Professor Doutor do Curso de Jornalismo da Unochapecó-SC, e-mail: marlondias@unochapeco.edu.br

⁶ Disponível em: <https://wearesocial.com/us/blog/2025/02/digital-2025/>. Acesso em: 9 maio 2025.

É possível observar as interações nessas plataformas a partir de um conjunto vasto de bibliografias e referenciais teóricos. Este texto propõe, na esteira do que tem sido feito por outros autores (Sá; Polivanov, 2012; Polivanov, 2019; Carrera; Polivanov, 2019), olhar para a interação digital com o auxílio das lentes propostas pela Escola de Chicago, sobretudo a obra de Erving Goffman. Inscrito no campo do Interacionismo Simbólico, o autor propõe pensar as diferentes estratégias que compõem o que ele chama de um “trabalho de face”. Sua análise é comumente referenciada como análise dramática, sobretudo porque ele se vale de analogias com o teatro para pensar a ação dos atores sociais.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e exploratório. Ela se origina a partir de um trabalho na disciplina de Estudos Clássicos da Comunicação. Ao nos depararmos com as teorias advindas da Escola de Chicago, percebemos o quanto ainda podemos nos valer de estudos mais clássicos para refletir sobre alguns fenômenos contemporâneos. Ao estudarmos a obra de autores como George Mead, Herbert Blumer e Erving Goffman, notamos que a interação que ocorre nas mídias sociais pode ser pensada em termos de formação de identidades, partilha de códigos e repertórios, normas e convenções, autoapresentação e performance – tal como proposto por esses autores.

Vamos nos concentrar nesta análise, de caráter exploratório, na plataforma X. Os protocolos iniciais para que um usuário acesse o X se referem à criação de um perfil – o que é comum a esses espaços, desde quando tínhamos apenas sites de redes sociais (Recuero, 2009). O usuário deve, então, escolher duas imagens – uma para o seu avatar e outra para a capa de perfil, além de preencher uma breve descrição, chamada de “bio”.

A escolha das imagens, da descrição e mesmo de seu nome de usuário será feita com base nos interesses pessoais, já que não é obrigatório que o usuário disponibilize uma foto comprovando identidade para a plataforma. Assim sendo, é possível se registrar no X como qualquer um, o indivíduo pode criar para si uma identidade completamente diferente da vista face a face. Esse aspecto já demonstra uma interessante possibilidade nessas plataformas: poder existir (se apresentar) a partir de uma identidade diversa e múltipla daquela que você apresenta fora dos espaços digitais, num processo de elaboração de si.

Uma vez tendo assumida uma auto-imagem, que se expressa através de uma face, há expectativas e modos que a pessoa deve preencher.

De diferentes modos, em diferentes sociedades, exigir-se-á que as pessoas mostrem auto respeito, recusem certas ações por estarem estas acima ou abaixo de si mesmas, ao mesmo tempo em que se forçam para desempenhar outras, mesmo que isto lhes custe muito caro. Ao entrar em uma situação na qual lhe é dada uma face a manter, a pessoa toma a si a responsabilidade de patrulhar o fluxo de eventos que passa diante de si (Goffman, 2011, p. 80).

A partir do que afirma Goffman, pensamos como seria possível identificar o que ele chama de “elaboração da face” em perfis no X. Optamos, então, por ser uma pesquisa ainda exploratória, por uma amostragem convencional, a partir de temas que nos interessam/chamam a atenção, focando especialmente em símbolos que percebemos como recorrentes através da nossa perambulação pelo X.

Usamos o mecanismo de buscas da plataforma, pesquisando combinações de emojis e hashtags que sabíamos que demarcam certas comunidades e bolhas específicas. Por exemplo: para encontrar contas da bolha de transtorno alimentar, buscamos pela hashtag #edtw; para encontrar contas de extrema-direita, utilizamos a combinação dos emojis de cruz + bandeiras do Brasil e de Israel. Além disso, analisamos contas que frequentemente aparecem na linha do tempo da rede, com publicações viralizadas e de grande engajamento. A observação e coleta durou uma semana e a intenção era fazer a coleta e discutir com o grupo e com o professor sobre os achados.

No X, posterior à criação da conta, o próximo passo é localizar contas semelhantes à sua. Os conteúdos que serão exibidos são distribuídos em duas abas: Para Você e Seguindo. Na primeira, o algoritmo da plataforma sugere publicações populares, curtidas por contas que você segue ou, ainda, baseado em publicações que o usuário curtiu. A base do algoritmo são os comportamentos do usuário. Desta maneira, dá-se início às relações sociais dentro de uma bolha, na qual a conta ficará cercada de outras pessoas que possuem um pensamento semelhante (Pariser, 2012).

Blumer (1982, p. 2) explica o Interacionismo Simbólico através de 3 premissas: “o ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função do que estas significam para ele”; “o significado dessas coisas surge como consequência da interação social que cada qual mantém com seu próximo” e “os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho”. Logo, ao observar as interações sociais é importante compreender de que modo os significados “fazem sentidos” para os

interagentes, da mesma forma que compreender como significam determinados símbolos, a tal ponto de esses símbolos serem importantes para a sua identificação.

A personalidade do indivíduo – o seu self – é desenvolvida através do contato com a sociedade, em um processo de diferenciação e similaridade. Para Mead (1974), é através da comunicação que essa interação ocorre e, por isso, a linguagem não é individual, mas social. Os símbolos, portanto, fazem sentido por conta de seu uso prático e convencionado.

Ao cadastrar-se na plataforma digital, a elaboração de um self se dará na conjunção entre os anseios e expectativas da pessoa bem como no que ela entende que é exigido e demandado pelo grupo ao qual quer pertencer. A partir de seus recursos, a plataforma permite a elaboração de si, através de imagens e símbolos que agregam ao perfil um significado e, em consequência, um pertencimento.

Baseado nas pesquisas realizadas no X, a identificação de uma conta se dá a partir da observação de três fatores: Descrição, Fotos e Biografia. Uma das comunidades que observamos foi a do #edtw (eating disorder twitter), uma comunidade na qual pessoas com distúrbios alimentares compartilham suas experiências, comentam sobre suas restrições alimentares e dão dicas de emagrecimento.

Abaixo, um exemplo de perfil dessa bolha:

Figura 1 – Perfil de usuária #edtw



Fonte: Captura de tela do X

A usuária que se autointitula como “Kitty” (termo que remete à “gatinha”), usa fotos que combinam com o nome de usuária, remetendo à uma estética *clean*, de delicadeza, que se relaciona com um sentido ocidental de magreza, sobretudo vinculado ao feminino. Na descrição, aponta preferências de caráter identitário que se relacionam ao consumo midiático (DC Comics), a um gosto pessoal (gatinhos) – o que reforça seu

nome de usuária – e TDAH, apontando para um diagnóstico que, ao ser anunciado no perfil, indica uma característica que a usuária provavelmente identifica como definidora de sua personalidade. Além disso, chama a atenção que ela disponibiliza em sua biografia o próprio peso (40kg) e o seu IMC. Nesta comunidade, essa é uma informação muito importante, pois auxilia pessoas semelhantes a se conectarem e estabelecerem relações sociais. Como a conta é pública, optamos expor estas informações para maior entendimento.

O exemplo acima demonstra como a construção de um perfil digital, mesmo que com poucas informações, apresenta indícios que permitem compreender o modo como o usuário quer ser visto pela comunidade e mesmo agregar seguidores que compartilhem dos mesmos interesses. Esses indícios apontam para uma elaboração face, nos termos de Goffman (2011). Quando Goffman (1996) fala sobre a análise dramática das situações sociais, pensamos primeiramente na linguagem corporal e na comunicação face a face. Porém, nas mídias sociais, é possível perceber maneiras para a construção de uma fachada, ou seja, aquilo que se quer dar a ver ao outro, em contraposição ao fundo, que seria o que queremos que permaneça encoberto.

As imagens abaixo apresentam perfis com “símbolos significantes” (Mead, 1974) junto ao nome de usuário. Esses perfis são apenas três exemplos dos vários que se podem encontrar caso se busque os símbolos de cruz + bandeira do Brasil + bandeira de Israel. Esses símbolos compartilhados anunciam que o perfil é de uma pessoa conservadora e cristã.

Figura 2 - Perfis conversadores



Fonte: Captura de tela do X

Ao utilizar símbolos em sua autoapresentação, os usuários evidenciam sua comunidade de pertencimento e, assim, os temas de interesse que farão parte das conversações. Logo, é também um recurso de sociabilidade, porque indica ao outro se aquele é ou não um perfil que você quer seguir.

CONCLUSÕES FINAIS

Esta análise tem um caráter ainda exploratório, que buscou primeiramente identificar como o interacionismo simbólico ajuda a compreender a sociabilidade on-line. Pesquisas mais aprofundadas no tema podem ajudar, a partir da análise dos perfis, a compreender como as formas de identificação se alinham aos discursos propagados nos perfis e de que modo a performance (e possíveis rupturas) podem causar controvérsias dentro dessas mesmas comunidades – tema este que, a nosso ver, também pode se valer das contribuições advindas da Escola de Chicago para reflexão.

REFERÊNCIAS

- BOYD, D. Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Z. (ed.). **A networked self**. London: Routledge, 2011, p.151-172.
- BLUMER, H. **El interaccionismo simbólico: perspectiva y metodo**. Barcelona: Hora, 1982.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MILLER, D. et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. London: UCL Press, 2019.
- PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- POLIVANOV, B. Identidades na contemporaneidade: uma reflexão sobre performances em sites de redes sociais. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 8, jul. 2019.
- POLIVANOV, B.; CARRERA, F. Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman. **InTexto**, p. 74-98, 2019.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009
- RECUERO, R. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- SÁ, S. P.; POLIVANOV, B. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporanea**, v. 10, p. 574-596, 2012.
- SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da & REIS, Vanessa Alkmin. Vínculos no ciberespaço: websites pró-anorexia e bulimia. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 39, p. 91, ago. 2009.